

EDITORIAL

Depois da publicação de uma sequência de três dossiês – História e futebol; Ensino de história; A imagem medieval: história e teoria –, a Revista de História apresenta aos seus leitores uma edição totalmente composta por artigos e resenhas enviados por seus colaboradores em regime de fluxo contínuo. Esse tipo de reunião de artigos e resenhas contempla uma das mais constantes e tradicionais características deste periódico: a pluralidade de temas e períodos históricos combinada com a diversidade de abordagens historiográficas, provenientes dos trabalhos recentes de pesquisadores das várias regiões do Brasil e do mundo.

O artigo que abre esta edição, *Situações postas à História*, de François Hartog, pesquisador e professor na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, apresenta um conjunto de reflexões – emoldurado pelo debate acerca da concepção de *moderno* – sobre a prática historiográfica e sobre a História como conceito socialmente compartilhado, privilegiando, para isso, dois momentos históricos distintos: a época atual e as décadas centrais do século XX. No artigo seguinte, *José Luiz Romero y la historia del siglo XXI*, Carlos Barros, pesquisador e professor na Universidad de Santiago de Compostela, analisa a obra do historiador argentino mencionado no título, mostrando como ela, movimentando-se entre a Escola dos Annales e o marxismo e qualificada como História total, pode ser um caso paradigmático para pensarmos desafios historiográficos atuais, marcados pelo recuo do entusiasmo com as grandes escolas historiográficas do século XX. No terceiro artigo desta edição, *Ranke e Niebuhr: a apoteose tucídideana*, Francisco Murari Pires, professor e pesquisador da própria Universidade de São Paulo, analisa a eleição e (re)construção da figura de Tucídides como gênio e modelo supremo do fazer historiográfico no momento de fundação da ciência histórica, que tem nos trabalhos de Leopoldo von Ranke e Barthold Georg Niebuhr obras fundacionais.

Depois desse primeiro grupo de artigos, que versam centralmente sobre a práxis historiográfica moderna, temos dois artigos da área de História Medieval. O primeiro deles, *Considerações sobre o trabalho na Idade Média: intelectuais medievais e*

historiografia, de Terezinha Oliveira, professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Maringá, apresenta uma reflexão sobre os modos como a historiografia tem tratado o tema do trabalho nas pesquisas sobre esse longo período histórico. Em seguida, encontra-se o texto de Leandro Duarte Rust, intitulado *Bulas inquisitoriais: Ad Abolendam (1184) e Vergentis in Senium (1199)*. Nele, o pesquisador e professor da Universidade Federal do Mato Grosso apresenta a tradução inédita ao português de dois documentos medievais em latim, mencionados no título do artigo, considerados como textos basilares da Inquisição. As traduções, além de apresentarem o texto original, são acompanhadas de um texto introdutório de fôlego e de apontamentos de pesquisa relacionados aos documentos em questão.

Os dois artigos seguintes abordam distintos aspectos do mundo luso-brasileiro do final do século XVIII e começo do século XIX por meio de suas relações com Angola. O primeiro deles, *José Pinto de Azeredo e as enfermidades de Angola: saber médico e experiências coloniais nas últimas décadas do século XVIII*, de Jean Luiz Neves Abreu, professor e pesquisador na Universidade Federal de Uberlândia, analisa a obra do médico luso-brasileiro referido no título, em conjunto com outras fontes da época, para entender a relação dessa obra com a medicina praticada e teorizada nas últimas décadas do século XVIII e avançar na compreensão dos saberes médicos desse período. O segundo artigo, *As “geometrias” do tráfico: o comércio metropolitano e o tráfico de escravo em Angola (1796-1807)*, de Maximiliano M. Menz, professor e pesquisador da Universidade Federal de São Paulo, avalia, a partir da análise de fontes primárias de caráter serial, a dimensão da participação dos mercadores lusos e brasileiros no tráfico de escravos de Angola, relacionando os dados analisados com o debate historiográfico sobre a importância relativa das rotas comerciais e negócios que ligavam Brasil, Angola e Portugal.

Na sequência, tratando ainda do período que vai do final do século XVIII às primeiras décadas do século XIX, o artigo *Autogoverno e economia moral dos índios: liberdade, territorialidade e trabalho (Espírito Santo, 1798-1845)*, de Vânia Maria Losada Moreira, professora e pesquisadora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, aborda a aplicação da Carta Régia de 12 de maio de 1798 nas vilas indígenas do Espírito Santo para refletir sobre a existência do autogoverno dos índios como uma forma de garantir os interesses do Estado na região em questão, que também viabilizou relações assimétricas de reciprocidade entre os indígenas e o governo da província.

O artigo seguinte, *Crescimento da população cativa em uma economia agro-exportadora: Juiz de Fora (Minas Gerais), século XIX*, de Jonis Freire, doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, insere-se no debate historiográfico sobre as estratégias empregadas pelos proprietários para a aquisição de suas escravarias, utilizando-se, para isso, do estudo pormenorizado de grandes famílias proprietárias de cativos da Zona da Mata Mineira. Encerrando a seção de artigos

Eduardo Natalino dos SANTOS. Editorial

desta edição, está *O magonismo e a Revolução Mexicana. Um balanço político e ideológico*, de Fabio Luis Barbosa dos Santos, doutor em História pela Universidade de São Paulo, que analisa a trajetória do grupo político liberal mexicano nomeado no título do artigo a partir do momento de eclosão da Revolução Mexicana, em 1910, buscando entender porque tal grupo teve importância secundária na direção desse processo revolucionário.

A seção de resenhas desta edição conta com a participação de Alberto Luiz Schneider, que realiza pós-doutorado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e analisa, em seu texto, o mais recente livro do historiador Ronaldo Vainfas – *Jerusalém Colonial: judeus portugueses no Brasil holandês* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010) –, que trata da presença holandesa e da formação de uma comunidade de judeus sefarditas em Pernambuco. Além dessa contribuição, temos também a de Luciano Aronne de Abreu, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que resenha a recente obra de Jorge Ferreira – *João Goulart: uma biografia* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011) –, na qual se analisam a vida e a atuação política, além da memória social construída sobre esse presidente brasileiro.

Esta edição encerra-se com uma homenagem a Eni de Mesquita Samara, professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo que faleceu em 29 de agosto de 2011 e dedicou cerca de quarenta anos à pesquisa e à docência na área de História do Brasil, especialmente ao campo da demografia histórica, da história da família e da história de gênero. Para apresentar as contribuições de Eni de Mesquita Samara para esses campos de estudo, contamos com os textos de dois de seus colegas de pesquisa e de docência no referido departamento: Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura e Horacio Gutiérrez. Além disso, encerra esta homenagem, uma relação dos livros escritos ou organizados por Eni de Mesquita Samara.

Com esses breves comentários, que procuraram apenas nomear os temas centrais abordados em cada artigo e resenha, entregamos aos leitores a centésima sexagésima sexta edição da Revista de História, que, por sua anunciada diversidade de temas, abordagens e procedências dos autores, coloca-se mais uma vez a serviço do debate e do diálogo historiográficos, permitindo ao seu leitor compor suas próprias conexões e avaliações em relação aos saberes e opiniões expressos neste diverso conjunto de textos. Boa leitura!

Eduardo Natalino dos Santos
Editor